

FOSTER, John Bellamy. *Marx's Ecology*. Materialism and nature.  
New York: Monthly Review Press, 2000. 300 p. ISBN 1-58367-012-2.

---

## MARX E O MEIO AMBIENTE RECONSIDERADOS

Nas últimas três décadas do século XX, houve uma tomada de consciência em nível mundial sobre a gravidade dos desequilíbrios ambientais. Mas, isso não significou um único enfoque, pelo contrário, surgiu um leque de posições às vezes muito divergentes. Ecologistas radicais, ecologistas moderados, neomalthusianos, ambientalistas etc. refletiam uma forma diferente de ver a relação entre a sociedade e a natureza. Porém, a maioria deles coincidia em que o marxismo tinha uma abordagem produtivista, semelhante à dos cornucopianos (defensores de uma abundância e progresso ilimitado) alheia as necessidades de uma relação mais harmônica com a natureza. Inclusive dentro das filas marxistas surgiu um eco-marxismo, compartilhando dita perspectiva e promovendo um enverdecimento teórico do materialismo histórico, como no caso de Benton (1996) que compartilha com os ecologistas as críticas ao marxismo; o como no caso de O'Connor (1998) quem defende o marxismo frente aos ecologistas, mas um marxismo onde a parte verde não é de Marx mas do próprio O'Connor que disse complementar e melhorar.

Os poucos escritos em defesa do marxismo haviam sido extemporâneos, como o de Schmidt *O conceito de natureza em Marx*, publicado em 1961, em uma linguagem dialética e com uma orientação filosófica, mas sem relação com a consciência sobre a crise ambiental que ao final da mesma década desencadeou-se. Eram recompilações de citações, como o de Parsons, *Marx and Engels on ecology* (1977), publicado precisamente no meio das controvérsias; mas onde a parte do autor constitui uma apresentação das posteriores citações e não uma análise aprofundada da lógica interna do pensamento marxista. Mais recentemente, em 1991 apareceu o livro de Grundmann, *Marxism and ecology*, seguindo a tradição da escola de Frankfurt e do anterior livro de Schmidt. O trabalho de Grundmann constitui uma leitura humanista dos textos de Marx, e faz grande ênfase na

tecnologia, uma das questões centrais na discussão ambiental. Porém, não foi suficientemente discutido nos meios ecologistas e ambientalistas.

No final do século, em 1999, foram publicados nos EUU dois livros complementares sobre a Natureza e Marx (Burkett; Foster – a versão encadernada do livro de Foster saiu em 1999), ambos escritos por destacados marxistas e ambos, embora desde diferente perspectiva, constituem análises aprofundadas da lógica interna do pensamento marxista em relação ao meio ambiente. Ainda ambos, concluem numa visão radicalmente diferente do que os ecologistas e ambientalistas vinham dizendo sobre o Marx verde. Em lugar de um Marx produtivista e cego ao desenvolvimento das forças produtivas, surge um Marx atento as consequências negativas para o ambiente e a sociedade no conjunto. Em lugar de um Marx preocupado exclusivamente pela dinâmica social, surge um Marx que parte da coevolução entre a sociedade e a natureza. Em lugar de um Marx que não teria nada a dizer sobre a crise ambiental contemporânea, surge um Marx que poderia oferecer, com o método do materialismo histórico, uma alternativa a análise da crise ambiental.

Os livros de Burkett e de Foster são complementares. O de Foster parte de uma perspectiva histórico-filosófica do pensamento marxista em relação ao ambiente. O de Burkett parte da estrutura econômica de funcionamento do capitalismo exposta basicamente no *O capital*. Ambas são obras eruditas, que demandam um estudo detido para tirar o proveito necessário.

Foster localiza o pensamento de Marx dentro da tradição materialista e dialética que pode ser rastreada até Epicuro. Enquanto hoje em dia os ambientalistas e ecologistas estão buscando um método de relacionar as ciências físico naturais e as ciências sociais, Marx tinha consciência da necessidade de seu materialismo pertencer ao “processo da história natural”, segundo o filóso-

fo Bhaskar: “a tese de que há uma unidade metodológica essencial entre as ciências sociais e as naturais”. A base dessa unidade está no que Marx chama de metabolismo social, o processo social de transformação da natureza através do qual a própria sociedade humana se transforma.

Enquanto uma das principais críticas ecológicas a Marx é sua falta de interesse pelas questões ecológicas, Foster mostra com dados biográficos o permanente interesse de Marx pelos avanços da ciência, atendendo conferências e lendo o mais destacado. Mas, longe de ficar no relato histórico biográfico, Foster mostra que os conhecimentos da química e agronomia foram decisivos para o desenvolvimento da sua teoria da renda do solo em oposição à de David Ricardo, assim como as leituras de Darwin e os antropólogos foram também fundamentais na sua teoria da evolução das sociedades e das possibilidades de superação do capitalismo. Ainda mais, a própria análise do trabalho e suas formas, como essencial na explicação da dinâmica social, é o ponto de partida do distanciamento físico-natural frente aos outros animais. Assim o processo de metabolismo social é, a um tempo, um processo de coevolução entre o mundo físico-natural e as relações sociais humanas.

Longe de uma visão prometeica e produtivista, da qual também é acusado hoje em dia, Marx elabora toda sua teoria do materialismo histórico a partir da forma

como a sociedade humana se distancia da natureza externa que constitui sua base de existência. Em palavras de Marx:

Lo que necesita explicación, o és resultado de un proceso histórico, no és la unidad del hombre viviente y actuante, con las condiciones inorgánicas, naturales, de su metabolismo con la naturaleza, y por tanto, su apropiación de la naturaleza, sino *la separación entre estas condiciones inorgánicas de la existencia humana y esta existencia activa*, una separación que por primera vez és puesta plenamente en relación entre trabajo asalariado y capital (Marx, 1971, p. 67).

Marx não atribui valor a natureza, dizem os críticos de hoje. Mas, segundo Foster, Marx é reiterativo em afirmar que são as próprias relações capitalistas as que privam a natureza do valor específico, e a convertem em mercadoria com preço, por exemplo, quando escreve:

Money... has therefore deprived the entire world -both the world of man and of nature- of its specific value (Marx, 1971, p. 75).

Com os livros de Burkett e de Foster o pensamento marxista sobre o meio ambiente começará o século XXI com uma bateria difícil de contrapor.

Guillermo Foladori

## REFERÊNCIAS

- BENTON, Ted. *The Greening of Marxism*. New York: Guilford Press, 1996.
- BURKETT, Paul. *Marx and Nature. A red and green perspective*. New York: St. Martin's Press, 1999.
- GRUNDMANN, Reiner. *Marxism and Ecology*. New York: Clarendon Press. Oxford. 1991.
- MARX, Karl. Formaciones Económicas Precapitalistas. *Cuadernos de pasado y presente*, Córdoba. Argentina. n. 20. 1971.
- O'CONNOR, James. *Natural Causes. Essays in Ecological Marxism*. New York: Guilford Press, 1998.
- PARSONS, Howard. *Marx and Engels on Ecology*. London: Greenwood Press, 1977.
- SCHMIDT, Alfred. *El concepto de naturaleza en Marx*. México D.F.: Siglo XXI, 1976.